

resenha bibliográfica/book review

Vinícius De Bragança Müller e Oliveira
Mestre em História Econômica pela FCLAr/Unesp

Resenha do livro SUPRINYAK, Carlos Eduardo. *Tropas em marcha. O mercado de animais de carga no centro-sul do Brasil imperial*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2008.

Durante anos, em verdade décadas, a historiografia brasileira foi bastante promissora no que respeita à sua capacidade de produzir grandes sínteses explicativas em formato ensaístico, quase literário. Poderíamos debruçar-nos sobre uma variada e ampla gama de autores e obras que esmiuçaram a história do país em seus aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos, entre tantas outras subdivisões possíveis, que confirmaram tal formato. Sergio Buarque de Holanda, Gilberto Freire, Caio Prado Jr. e Celso Furtado são os grandes nomes desta história ensaística a que nos referimos e dos quais, diga-se, respeitamos e reconhecemos imensamente a sua contribuição. O “homem-cordial”, a miscigenação racial, o Brasil como desdobramento da empresa mercantil portuguesa, o Brasil exportador de matéria-prima: eis um rápido, quase desonesto, resumo das respectivas sínteses dos autores “clássicos” citados.

Contudo, muito se passou e muita coisa mudou desde que tal historiografia foi produzida. Entre as mudanças, a precipitação da necessidade de se revisarem as consagradas sínteses – e, portanto, seus autores – o que se mostra, ainda hoje, tarefa nada fácil para os escritores que se lançam a este desafio. Mesmo assim, uma crítica, talvez a mais evidente, feita aos autores “clássicos” é constantemente apresentada como motivo

para a revisão: a ausência, nos trabalhos daqueles, de minuciosa pesquisa histórica, baseada em fontes primárias e/ou documentações originais. Tal ausência, característica do ensaísmo dos “clássicos”, colabora, supostamente, para a falta de uma perspectiva científica da história, restando, por hipótese, uma história-literatura.

Eis o início, então, de todo um esforço intelectual, notadamente mais profissional, de se produzir uma história amparada em fontes primárias e documentação. Mas, se por um lado, o esforço de revisão da história ensaística produziu um apego, às vezes exagerado, ao método de pesquisa e às fontes – esquecendo, muitas vezes, dos objetos e dos temas relevantes – por outro, nos mostrou a(s) possibilidade(s) da profissionalização do trabalho do historiador, além de, evidentemente, revelar-nos grandes janelas ainda abertas em nossa historiografia: funcionamento do mercado interno; formação e acumulação de riqueza no período colonial e imperial; ocupação do interior territorial e formação das fronteiras; funcionamento e desdobramentos das atividades consideradas complementares; os padrões da posse de escravos; e o trabalho livre em meio à escravidão. Esta é uma pequeníssima lista de temas contemplados por tal revisão historiográfica que, antes, estavam parcialmente escondidos pelas grandes sínteses.

É com essa combinação – revisão da historiografia “clássica” por meio da apresentação de novos temas, amparada em pesquisa documental – que a obra de Carlos Eduardo Suprinyak me foi anunciada. Fruto de sua dissertação de mestrado, *Tropas em Marcha. O mercado de animais de carga no centro-sul do Brasil Imperial*, pode até causar pouco interesse naqueles que quase nada avançam na leitura além das primeiras impressões, afinal, um estudo sobre tropas muares pode parecer muito pouco elucidativo para quem quer entender a história do Brasil; mas é uma preciosa oportunidade para os que veem neste tipo de trabalho/pesquisa a contribuição que ainda falta para a construção de uma nova síntese que, se não melhor que a dos “clássicos”, é ao menos tão relevante quanto.

Com uma erudição incomum a um jovem pesquisador, Suprinyak escolheu um tema tão caro quanto promissor – a movimentação espacial e econômica das tropas muares que, por muito tempo, serviram como uma das principais formas de transporte de mercadoria do Brasil oitocentista e novecentista. Digo caro, pois exigente de uma minuciosa

pesquisa documental, justamente a lacuna deixada pelos “clássicos”. Todavia, promissor, porque capaz de nos mostrar as tramas socioeconômicas derivadas de uma atividade considerada secundária, mas que, vista pelo olhar de Suprinyak, ganha ares de relevância estrutural na história brasileira.

Dito isso, podemos e devemos oferecer um olhar mais detalhado sobre a obra. E, para isso, é quase impossível não tecer um comentário sobre a pesquisa conduzida e apresentada por Suprinyak: como base de seu texto, o autor usou uma lista de documentação extensa e original, além de fontes secundárias (já publicadas) muito bem escolhidas. O rol de fontes é bastante extenso e denso, incluindo livros de barreiras e relatórios de presidentes provinciais, duas das mais importantes documentações para os trabalhos apresentados nos últimos anos. O uso de fontes secundárias também merece comentários destacados, tanto as que foram complementadas por Suprinyak, quanto as que foram confrontadas pela a apresentação da documentação original. Cabe destacar, entre as fontes secundárias, a leitura apurada, feita pelo autor, da obra de Petrone e Lavalle¹, relativas à passagem, ao recolhimento de tributos e à comercialização de animais em Rio Negro e/ou Sorocaba, esta última talvez o mais importante centro de negociação de tropas muares da região centro-sul. Como complemento, Suprinyak apresenta um minucioso levantamento de dados referentes à barreira de Itapetininga, amparado nos registros contábeis dessa estratégica barreira, situada no caminho de Sorocaba. A contribuição do autor, nesse caso, possibilita uma relevante comparação entre os animais que passavam por Itapetininga e os que efetivamente chegavam à Sorocaba, apontando significativas diferenças de tempo na passagem das tropas pelos dois pontos. Em outros termos, Suprinyak revela, por meio de sua pesquisa, que o caminho entre as duas cidades continha pontos de tratamento dos animais, que lá esperavam melhores condições de negociação. Com isso, o autor escancara atividades complementares ao comércio dos muares, apontando seu estudo para várias direções.

¹ PETRONE, Maria Tereza Schorer. *O Barão de Iguape*, um empresário da época da Independência. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976; LAVALLE, Aínda Mansani. “Análise quantitativa das tropas passadas no registro de Rio Negro (1830-1854)”. Tese de livre docência, UFPR, 1974.

Uma delas é a quantificação relativa à movimentação de animais que passaram pela barreira de Itapetininga: aproximadamente 700 mil animais entre 1854 e 1869, sendo, destes, aproximadamente 600 mil muares e o pouco restante dividido entre cavalos e éguas. Apenas esses números (apresentadas à p. 50) já justificariam a pesquisa de Suprinyak. Contudo, a magnitude do número de animais apresentado pelo autor, precipita, como dito, uma série de outros olhares, para negócios diversos, derivados – ou complementares – do comércio de animais. A internada – locais de fortalecimento dos animais, à espera das melhores condições de negociação – a fiança das tropas e um complexo esquema de oferta de animais, em função de sua demanda, possibilitam a ampliação do estudo para áreas sociais, ao revelar estruturas como o tamanho das tropas, a concentração da propriedade, a origem dos donos dos animais e o nível de coincidência entre os donos de tropas e os condutores. Como exemplo, Suprinyak apresenta um interessante resultado que, de algum modo, confirma uma de nossas mais enraizadas conclusões sobre a História do Brasil: a de que, em épocas de prosperidade dos negócios que envolviam os muares, aumentava o tamanho das tropas, o que mostra que “os grandes negociantes ajustam suas atividades para tirar proveito da expansão do mercado” (p. 87). Tal conclusão, além de amparada em pesquisa que confirma uma estrutura que beneficiava o grande negociante e que “empurrava” o pequeno para fora do negócio, nos dá a medida da formação e da origem da riqueza na região entre o extremo sul do Brasil e São Paulo.

Portanto, um setor econômico que envolvia desde a criação dos animais, no extremo sul, até a sua chegada em regiões como Minas Gerais, passando pelas internadas do Paraná e de São Paulo, pelos negócios ligados às fianças das tropas, pelos pagamentos de impostos de barreiras e pelas feiras comerciais de Sorocaba. Com tudo isso, ou seja, dados e análises que nos revelam a grandeza dos negócios relacionados às tropas muares, uma conclusão certa de Suprinyak, apresentada à página 130, parece sintetizar a relevância de sua pesquisa:

(...) o negócio de animais não constituiu apenas um instrumento passivo integrado aos desígnios maiores do desenvolvimento econômico brasileiro. Antes, configurou-se como um processo ativo que criava e transformava suas possibilidades, buscava seus espaços, e ao longo deste

caminho, imprimia marcas profundas sobre um vasto espectro de regiões e contingentes sociais.

E aproveite essa conclusão do autor para sustentar a minha.

A relevância da obra, como dito no início, é a contribuição que dá para a formação de uma historiografia, ainda em construção, que possa, se não confrontar a história registrada pelos autores “clássicos”, ao menos mostrar, de outra forma, caminhos que foram importantes para a História do Brasil. Se faltava aos “clássicos” o rigor científico e metodológico, sobra em Suprinyak a análise documental precisa, que, não obstante sua riqueza, não se contenta com a organização e a apresentação dos dados. Ao contrário, apresenta conclusões inovadoras sobre temas que muitas vezes foram considerados secundários por muitos de nossos historiadores. Mérito, portanto, daqueles que não limitam suas críticas à simples negação das obras consagradas, muito menos restringem suas discussões apenas aos constrangimentos metodológicos de outros trabalhos. Suprinyak apresenta, de modo conciso e transparente, como o transporte feito por gado mular, durante o século XIX, no Brasil, foi uma atividade tão ampla que não pode ser vista como subsidiária ou complementar às consideradas maiores; de outra maneira, as atividades internas – tais como a movimentação espacial e econômica dos animais – es-
coravam-se em tramas econômicas bastante duradouras e fortes, o que nos ajuda a entender a dinâmica da História brasileira de modo mais complexo e sofisticado. Sendo assim, Suprinyak finaliza seu livro com uma frase que poderia falar de várias outras atividades ainda pouco exploradas pela nossa historiografia, mesmo que se esteja referindo apenas à que é própria de seu trabalho. E com ela termino meu comentário: “muito mais do que aquilo que o comércio destes animais viabilizou, trata-se do que ele próprio criou”.

— | |
—

+

INVESTIGACIONES

2009 • OTOÑO • NÚMERO 15

de HISTORIA ECONÓMICA

premio
ramón carande
2008

JOSEBA LEBRANCÓN NIETO
Los Depósitos Francos en España, 1914-1930

artículos

TAMÁS SZMRECSÁNYI
Periodization Problems in the Economic History
of Science and Technology

MARCELO ROUGIER
La expansión "por defecto" del estado empresario.
La política económica frente a la crisis de las
empresas industriales en la Argentina, 1960-1976

VICENT LLOMBART
El valor de la Fisiocracia en su propio tiempo:
un análisis crítico

PEDRO DÍAZ MARÍN
Actividades y estrategias económicas de la burguesía
alicantina en los años cuarenta del siglo XIX

reseñas

15